

A ESCOLA E A DIVERSIDADE SEXUAL EM ASPECTOS DE IGUALDADE DE ACESSO E PERMANENCIA, VIDA FAMILIAR E SOCIAL.

Wanessa Aparecida de Santana Lorena Lima¹

Professora da rede pública de ensino wanessaegabriell@gmail.com

Jacqueline de Oliveira Maranhão¹

Professora da rede pública jacquilili@zipmail.com.br

Olwa University – Olford Walters University , cnpj:12.147.854/0001-54
contato@cegem.com.br

Resumo

Este artigo visa discutir como os alunos, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs), se sentem dentro do ambiente escolar e familiar, pois de acordo com a Constituição Federal Brasileira promulgada em 1988, em seu artigo 6 estabelece que a educação é direito de todos e todas, e que temos que não só dar acesso a matrícula, mas criar condições de permanência escolar, garantida pelo Estado. Infelizmente o preconceito é a discriminação invade de maneira voraz, por falta de conhecimentos, por falta de conversas, que geralmente se deveria começar dentro de nossos lares, e quando não há esse dialogo dentro de nossos lares acaba a escola tendo que assumir esse papel, pois na escola também forma cidadãos; é além de conteúdos disciplinares, a formação de conhecimento de mundo é necessária; pois é na LDB, Lei 9.394/96 que diz: A educação, dever da família e do Estado, inspirado nos princípios de liberdade e solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho; seja no âmbito familiar, escolar e na sociedade todos tem que serem respeitados; infelizmente 1 em cada 10 brasileiros é vítima de bullying, as agressões são físicas e psicológicas; o fato de discutir abertamente em todos os locais sobre a homofobia, preconceito e discriminação é para que seja acabada as agressões, que por muitas vezes levam a morte e ao suicídio. Para a produção deste artigo foi realizada uma pesquisa de campo na qual foram entrevistados alguns alunos do ensino médio que se denominavam homossexuais, numa cidade y do Agreste Pernambucano.

Palavras-chave: Direitos, respeito, inclusão e diversidade.

Introdução

O que rege a vida de muitas pessoas são suas concepções e ideais, mas lógico que seguimos Leis; o direito a diversidade sexual é um tema ainda recente que há diversas barreiras culturais. Quando temos a liberdade de tratar todos os assuntos dentro do seio familiar se torna o mundo mais claro, mas infelizmente alguns assuntos são “tabus” dentro dos lares; é no chão da escola que muitos assuntos vêm á tona, o aluno que não tem um bom convívio familiar em casa, passa a conversar com seus colegas e professores assuntos

personais; os aspectos de violência que acontecem na escola e fora dela, através de manifestações físicas, psicológicas e sexuais. O bullying acontece por diversas maneiras na escola, não só por pessoas homossexuais, mas por todos os aspectos, causando dor e angústia ao agredido.

Mas é na escola que se forma cidadãos, e é lá que se ensina a respeitar ao próximo, então porque não abrir a roda de conversa e falar sobre os movimentos LGBTs, ensinar a não discriminar, e a não externar preconceitos, é a melhor ferramenta para que não haja um mundo tão violento quanto esse nosso que estamos vivendo; iríamos evitar diversos suicídios. Junqueira (2009, p. 15):

“A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT – muitos/as dos/as quais vivem de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação, autculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado”.

O psicólogo Danilo Faleiros do hospital Alemão Oswaldo Cruz, diz que “ O suicídio existe em toda as sociedades e que causa grande impactos na vida de muitas pessoas, dos familiares, dos amigos, dos colegas de trabalho. É custoso para todos” quando uma família não está preparada para abraçar e acolher seus filhos que passam por essa fase na vida, acaba trazendo mais transtornos para ambos, tanto para os pais que recusam como para o adolescente que ainda em processo de construção de corpo e mente ainda não se entende. A ajuda de vários profissionais para toda família é necessária; pois a família é o berço, o aconchego e a referencia do todo ser humano, se o individuo é rejeitado pela família e pela sociedade se tornará infeliz, podendo trazer causas serias em sua vida.

O Antropólogo Renan Antônio da Silva apresenta em 2018 estudos inéditos sobre a relação entre homofobia e atentado contra a vida de LGBTs, ele diz que: 42 homossexuais haviam tirado a própria vida em 2017; as pesquisas são assustadoras quando se pergunta se já tentaram ou pensaram tentar contra a própria vida, pois a exclusão social, a rejeição por não ser como determina alguns da sociedade os levam a essas atitudes; o que pode ser feito para ajudar; primeiramente o dialogo, a auto aceitação, terapias, para que a pessoa se aceite, se ame, se cuide e rompa as barreiras.

1 A FAMÍLIA É O HOMOSSEXUALISMO

Numa família tradicional (pai, mãe e filhos), assim de julgava ser as de antes, mas o que é tradicional segundo o dicionário; tradicional: é um adjetivo atribuído a tudo aquilo que está relacionado com a tradição de algo, de algum lugar ou de uma pessoa. A família é uma instituição muito importante na sociedade na qual vem passando por transformações, é na constituição Federal menciona que; passaram a serem reconhecidas outras formas de família diferentes daquela vista por muitos como a forma “tradicional” temos a família matrimonial (casais heterossexuais ou homoafetivos), família monoparental (formada por qualquer um dos pais e seus descendentes), Anaparental (formada apenas por irmãos), unipessoal (formada por uma pessoa só) mosaico ou reconstituída (pais que tem filhos e se separam, e começam a viver com outra pessoa que também tem filhos de outros relacionamentos), simultânea ou paralela (indivíduos que mantem duas relações ao mesmo tempo, ou seja, é casado e mantém uma outra união estável) família Eudemonista (formada por uma parentalidade socioafetiva).

2 COMO ALUNOS DE UMA ESCOLA X DO AGRESTE PERNAMBUCANO SE SENTEM NO ÂMBITO ESCOLAR E FAMILIAR AO EXPOREM SUA OPÇÃO SEXUAL

Nesta escola X há no período do turno da manhã 240 alunos, onde através de um questionário foi obtido o resultado de 10 alunos que se diziam gostarem de pessoas do mesmo sexo que o seu, 3 meninos e 7 meninas; a primeira pergunta era se eles se sentiam bem acolhidos na escola pelos colegas e professores; 3 disseram que sim, e 7 que às vezes; na segunda pergunta, se já haviam sofrido bullying na escola pelos seus colegas não respeitarem a opção sexual escolhida por eles; 4 disseram que não e 6 que sim; na terceira pergunta pra quem foi mais difícil revelar o que eles sentiam em relação a opção sexual, 6 relataram que foi mais difícil para as mães, e 4 para os pais, na quarta pergunta se os entrevistado já haviam presenciado um cena discriminação a escola, 8 disseram que sim e 2 que não, um dos relatos diziam que uma vitima passou pelo um fato que teve que sair da sala de aula e que os demais alunos os chamavam de palavras pejorativas, já em outro relato que a vitima chorou em sala de aula por ter sido vitima de desrespeito e homofobia; em outro relato que as pessoas julgam por andarem juntas e serem amigos de pessoas homossexuais acabariam se tornando ou

influenciando a ser também. Na quinta pergunta com qual idade eles os entrevistados sentiram que não se identificavam com o sexo dado em seu registro de nascimento, as respostas foram de 12 á 14. Num dos relatos da idade a menina relatou que foi vítima de abuso sexual, é que depois disso ficou com medo de homens e passou a relaciona se com mulheres, mas em tratamento psicológico mais tarde descobriu que não precisava ter medo dos homens e voltou a relacionar se com eles.

Adolescência é um conceito mais amplo e inclui mudanças consideráveis nas estruturas da personalidade e nas funções que o indivíduo exerce na sociedade. Em síntese podemos dizer que o conceito moderno de adolescência não se confunde com puberdade, como fato biológico, nem tampouco com pubescência, como estágio de transição marcada por grandes mudanças fisiológicas. Adolescência é um conceito psicossocial. Representa uma fase crítica no processo evolutivo em que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos de ordem pessoal e de ordem social. Entre estes ajustamentos temos a luta pela independência financeira e emocional, a escolha de uma vocação e a própria identidade sexual (ROSA, 1985, p.14).

Podemos ver como tanto na família como na escola ainda é necessário o processo de descriminalização, mostrar que o amor ao próximo pode vencer barreiras de preconceitos, que a conversa é a ferramenta de elo e aproximação em individuo, família e sociedade.

3 O QUE FOUCAULT FALA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Sabemos que ao nascermos recebemos um determinado nome a partir de nosso sexo que identificada na nossa genitália, mas o que acontece quando não nos identificamos com aquele sexo dado no momento do registro civil; a homossexualidade passa por estudos de vários médicos, psicólogos, psiquiatras, terapeutas, buscando ajudar as pessoas que ainda sofrem por não saberem lher dar com a situação; a homossexualidade por certo tempo foi considerado uma patologia; a religião e a ciência buscavam uma cura, também era vista como desvio de conduta; havendo a busca de uma padronização para a heterossexualidade. Só em 1995 que houve a exclusão da homossexualidade retirado da classificação de doença. Foucault (2007), no volume 1 de “História da Sexualidade”,

afiança que ainda hoje habitamos num mundo em que a sexualidade é escondida, silenciosa e hipócrita

Em 1869, no século XIX foi criado o termo homossexualidade pelo escritor húngaro Károly Mária Kertbeny; onde se tinha o impulso sexual voltado para o mesmo sexo. Buscando explicações do âmbito clínico e biológico; a sexualidade, desejo fundamental do ser, a nossa parte biológica corresponde ao impulso fisiológico e cerebral; o psicológico onde encontra-se o desejo erótico; o cultural, os padrões de desejo, comportamento e fantasias sexuais, criadas em diversas sociedades.

Conclusões

Discutir sexualidade na família e na escola deveria ser de maneira natural e clara, pois se evitaria transtornos a todos, a discussão de gênero também, pois muito se evoluiu quando as pessoas resolveram ir para as ruas e mostrar a realidade, o chamado sair do armário, mostrar a todos que a pessoa por serem homossexuais, LGBTs, não as inferioriza das demais pessoas, que tem direitos assim como os dos demais seres humanos, que para o ser humanos respeitar o outro como ele é basta olhar com olhar fraterno, pois todos temos qualidades acima de qualquer escolha de relacionamento sexual. Na escola deve-se ensinar sim a luta de todos os movimentos sociais, pois faz parte da história da sociedade, o movimento feminista que lutou e luta contra o machismo, onde mulheres e homens são tratados de maneira desigual; Entendemos que se faz necessário trazer uma reflexão sobre o preconceito enquanto expressão do (neo) conservadorismo e relacioná-lo com a discussão de gênero, pois todos os dias, milhares de mulheres e a população LGBTs têm os seus direitos negados, liberdades cerceadas e vêm sofrendo das mais variadas formas de opressão e exploração sobre seus corpos e vidas.

[...] todos os preconceitos se caracterizam por uma tomada de posição moral, já que, como vimos, são ao mesmo tempo falsos juízos de valor. [...] porque todo preconceito impede autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo. [...] mas o próprio preconceito é, em maior ou menor medida, objeto da alternativa. Por mais difundido e universal que seja um preconceito, sempre depende de uma escolha relativamente livre o fato de que alguém se aproprie ou não dele (MESQUITA; RAMOS; SANTOS, 2001, p. 85).

A luta contra o preconceito e discriminação tem sido algo constante nas ruas através de desfiles pela classe LGBTs, na Tv, em vários meios de comunicação, a aceitação Para que assim possamos nos reconhecer de fato como seres humanos, livres e iguais, para desenvolvermos nossas potencialidades. E desnaturalizando as diversas explorações e

dominações, bem como tantos outros preconceitos construídos na escola e nesta maneira de sociedade capitalista.

A escola com uma mudança na hora de se dirigir aos responsáveis pelos alunos, quando deixa de tratar pelo pai ou mãe como responsável, e passa a tratar por senhores responsável, pois a família hoje há uma nova configuração; é a família a apoiar e dialogar mais sobre todos os fatos ocorridos na sociedade, deixando por uns instantes os celulares de lado e passando a olhar mais olho no olho.

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Englobam as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1998, p. 287).

É no chão da escola que se deve tratar todos os assuntos de formação de conteúdo e de mundo, é formado o cidadão ativo e crítico desse novo mundo.

REFERENCIAS

ALBERTINI, P. “Sexualidade e o processo educativo: uma análise inspirada no referencial reichiano”. In: Aquino, J.G. (Org.) **Sexualidade na Escola: alternâncias teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p.53-70.

AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de & RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CAVALCANTI, R. da C. “Educação sexual no Brasil e na América Latina. In **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol. 4, 2, 1993, pp. 164-173.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____. **Vigiar e punir: histórias da violência nas prisões**. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 1993a.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988. GALVÃO, Izabel. **Cenas do cotidiano escolar – conflito sim, violência não**. São Paulo: Vozes, 2004.

GUIRADO, Marlene. **Sexualidade, isto é, intimidade redefinindo limites e alcances para a escola**. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p. 25-42.

LORENCINI JR. A. “Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação”. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1997, pp.87-95.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1998. MAAKAROUN, M. de F. “Considerações gerais sobre adolescência”. In **Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991, p. 3-8.

MEIRELLES, João Alfredo Boni de. “**Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola**”. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1997, p.71-86.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

PINTO, H. D. S. “A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar”. In: AQUINO, J. G. (org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1997, pp. 43-51.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SAYÃO, R. “Saber o sexo? - os problemas de informação sexual e o papel da escola”. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 97-105.

SOUZA, Maria Cecília C.C. de. “Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade/escola”. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3ª ed., São Paulo: Summus, 1997, p. 11-24.

VASCONCELOS, Naumi. **Os dogmas sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

VIANNA, Cláudia P. “Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar”. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3ª ed., São Paulo: Summus, 1997. p. 119-129.

VITIELLO, N. “A educação sexual necessária”. In **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, vol. 6, 1, 1995, pp. 15-28.